

**ATRIZES PREMIADAS: PERSONAGENS LIMITADAS? UMA ANÁLISE DA
CARREIRA FEMININA NO CINEMA ENTRE 1950 E 2020**

JUNE MARIZE CASTRO SILVA

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MONTES CLAROS (UNIMONTES)

KARLA VELOSO COURA

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MONTES CLAROS (UNIMONTES)

NAIARA VIEIRA SILVA IVO

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MONTES CLAROS (UNIMONTES)

NICOLE WENDDY DUARTE

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MONTES CLAROS (UNIMONTES)

ATRIZES PREMIADAS: PERSONAGENS LIMITADAS? UMA ANÁLISE DA CARREIRA FEMININA NO CINEMA ENTRE 1950 E 2020

1 INTRODUÇÃO

O cinema, enquanto expressão cultural e instrumento de comunicação social, exerce papel relevante na formação de imaginários coletivos e na representação de identidades (Barros, 2007; Stam, 2000). Consolidado como indústria influente, reflete valores sociais, inclusive no tocante às questões de gênero (Rocha, 2019a). Desde os primeiros registros até as produções contemporâneas, o cinema atuou como espaço de reprodução de discursos, inclusive os de domínio masculino, patriarcal e hegemônico (Stam, 2000).

Historicamente, a figura feminina nas telonas, sobretudo em Hollywood, foi representada sob estereótipos como fragilidade, submissão e hipersexualização, moldados por uma visão predominantemente masculina da indústria cinematográfica (Gerbase, 2017; Rocha, 2019b). Ainda que mudanças tenham ocorrido, os padrões de desigualdade persistem, refletindo desigualdades estruturais também presentes no mercado de trabalho (Silva; Macedo; Oliveira, 2022).

A luta por equidade de gênero impulsionou transformações na representação das mulheres, ampliando seu protagonismo e promovendo debates sobre liderança, autonomia e representações simbólicas femininas (World Bank, 2024). Analisar tais mudanças sob a perspectiva do cinema permite compreender como a arte reflete e influencia os papéis sociais atribuídos às mulheres, tanto na sociedade quanto nas organizações.

Neste escopo, este artigo analisa as personagens femininas interpretadas pelas atrizes vencedoras do Oscar de Melhor Atriz entre 1950 e 2020, com foco na construção de estereótipos, representação da carreira e dos desafios enfrentados. Especificamente, pretende-se: (i) examinar as narrativas construídas em torno das personagens; (ii) identificar representações de poder, liderança e autonomia feminina; e (iii) avaliar como essas representações dialogam com a realidade das mulheres no mercado de trabalho.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

O cinema, enquanto arte e indústria cultural, funciona como um campo simbólico privilegiado para a análise de discursos sociais. Por meio da linguagem fílmica, é possível observar como se constroem e se perpetuam representações sociais de gênero (Barros, 2007; Stam, 2000). Ao longo do tempo, as narrativas cinematográficas não apenas refletem os valores sociais, mas também contribuem para moldá-los, operando como mecanismos de naturalização de papéis e estereótipos.

A representação das mulheres no cinema evidencia, assim, uma ambiguidade: por um lado, revela avanços significativos na visibilidade feminina nas telas; por outro, escancara a permanência de desigualdades históricas e simbólicas (Gerbase, 2017). Como observa a autora, as personagens femininas são frequentemente limitadas a arquétipos tradicionais – como a mãe abnegada, a amante sedutora, a esposa devotada ou a mulher emocionalmente instável – o que restringe a multiplicidade de identidades possíveis às mulheres no imaginário coletivo.

Rocha (2019a, 2019b) aprofunda essa crítica ao destacar que a ampliação da presença feminina no cinema não tem sido acompanhada por uma ruptura efetiva com os estigmas de gênero. As mulheres seguem sendo representadas a partir de expectativas sociais normativas, muitas vezes subordinadas às trajetórias masculinas ou retratadas como figuras dependentes, frágeis ou excessivamente emocionais. Ainda que haja avanços pontuais, a igualdade simbólica permanece como um desafio.

Sob a ótica da Administração, a carreira das mulheres também é impactada por mecanismos sutis e persistentes de exclusão. As estruturas organizacionais, marcadas por uma lógica historicamente patriarcal, impõem barreiras institucionais que dificultam a progressão feminina nas hierarquias, seja por meio da desigualdade salarial, seja pela sub-representação

nos espaços decisórios (Silva; Macedo; Oliveira, 2022). O conceito de "teto de vidro" sintetiza essas limitações invisíveis, que operam para conter o avanço das mulheres em suas trajetórias profissionais, mesmo diante de qualificações equivalentes às de seus colegas homens (Rezende; Corrêa, 2019).

A intersecção entre representação midiática e estudos organizacionais permite compreender como o cinema participa da reprodução – ou da crítica – ao machismo estrutural e aos papéis de gênero. Filmes premiados, ao alcançarem ampla difusão e reconhecimento, funcionam como dispositivos simbólicos de reforço ou de questionamento dos discursos hegemônicos. Assim, tornam-se fontes relevantes para se analisar dimensões como poder, autonomia, liderança e construção da identidade profissional feminina (Bottega; Kelm; Baggio, 2019; Azzi, 2008). Ao tensionarem ou reiterarem narrativas sociais, essas obras oferecem um rico material para pensar os limites e as possibilidades de transformação cultural quanto à presença e à valorização das mulheres, tanto nas organizações quanto na sociedade em geral.

3 METODOLOGIA

Este estudo adota uma abordagem qualitativa, de natureza descritiva e interpretativa, voltada à compreensão dos sentidos atribuídos à carreira feminina por meio da representação cinematográfica. A escolha dessa abordagem justifica-se pela intenção de explorar significados simbólicos, discursos sociais e aspectos subjetivos presentes nas obras analisadas, considerando o cinema como um artefato cultural e um dispositivo discursivo relevante para a produção e circulação de sentidos sobre gênero e trabalho (Fairclough, 2001; Barros, 2007).

A estratégia metodológica está ancorada na Análise Crítica do Discurso (ACD), conforme proposta por Fairclough (2001), que permite examinar como as relações de poder, ideologia e dominação se manifestam linguisticamente em práticas sociais e culturais. Essa perspectiva considera o discurso não apenas como reflexo da realidade, mas como instância ativa na constituição de identidades e na legitimação de estruturas sociais. No presente estudo, a ACD é aplicada à linguagem cinematográfica, contemplando tanto diálogos e narrativas quanto elementos visuais e simbólicos que reforçam ou tensionam os papéis tradicionais de gênero.

A coleta dos dados ocorreu a partir da seleção de sete filmes norte-americanos vencedores do Oscar de Melhor Filme entre as décadas de 1950 e 2020. Para cada década, foi escolhido o título com a melhor avaliação pública (segundo dados da plataforma IMDb), tendo como critério de inclusão a presença de personagens femininas com participação significativa na trama. Essa amostra visa garantir diversidade temporal e representatividade simbólica, permitindo a identificação de recorrências e transformações nos modos de representar as mulheres ao longo das décadas.

A análise foi orientada por categorias construídas a partir de revisão bibliográfica e leitura exploratória dos filmes, com base em Cellard (2008) e Oliveira (2018). As categorias centrais foram: (i) lugar social da personagem feminina, (ii) relação com o trabalho e com a autonomia, (iii) vínculos afetivos e papéis familiares, e (iv) construção simbólica da identidade de gênero. Essas categorias serviram de guia para a codificação e interpretação dos dados, possibilitando uma leitura crítica das representações das mulheres nas obras selecionadas.

Além disso, foi considerada a intersecção entre os discursos filmicos e os estudos organizacionais, a fim de aproximar as representações simbólicas da realidade vivenciada por mulheres em seus percursos profissionais. A análise, portanto, articula elementos da linguagem cinematográfica com os desafios contemporâneos enfrentados por mulheres no mundo do trabalho, conforme apontado por autores como Silva, Macedo e Oliveira (2022), e Rezende e Corrêa (2019). Tal articulação amplia o escopo analítico, permitindo compreender

como os imaginários sociais influenciam – e são influenciados por – práticas organizacionais e expectativas de gênero.

4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Esta seção será dividida em três partes: na primeira, serão apresentados os filmes que compõem a amostra a ser analisada; na segunda, serão desenvolvidas análises detalhadas de cada obra, contemplando tanto sua apresentação quanto a fundamentação crítica; a terceira parte abordará a relação entre os filmes, com foco na análise da evolução das representações femininas ao longo das décadas no cinema.

4.1 Seleção dos Filmes

A pesquisa nas plataformas do Oscar e IMDb foi organizada em etapas para garantir a delimitação precisa dos dados. Na primeira etapa, realizada no site do Oscar, foi aplicado o filtro "Melhor Atriz" para os filmes premiados entre 1950 e 2020, resultando em 71 filmes. Os títulos dos filmes, os anos em que venceram e os nomes das atrizes premiadas foram extraídos e organizados em uma planilha no Excel, divididos por década para facilitar a análise. Na segunda etapa, o objetivo foi selecionar um filme representativo de cada década, e, para isso, foi utilizado o IMDb. Nesta etapa, foram consideradas as classificações de "Metascore" de cada filme em cada ano. Nos casos em que havia empate nas pontuações, como os filmes da década de 60, o critério de desempate foi a avaliação do público. Ao final desse processo, foi escolhido o filme com a melhor classificação para cada década, resultando em 7 filmes selecionados (Figura 2).

Figura 2 – Compilado de filmes ganhadores do Oscar de melhores atrizes de 1950 a 2020 (Amostra)

ANO	FILME	ATRIZ	IMDb/ MESTAScore	NOTA IMDb
1952	Uma rua chamada pecado	Vivien Leigh	97	7,9
1965	Mary Poppins	Julie Andrews	88	7,8
1978	Noivo Neurótico, Noiva Nervosa	Diane Keaton	92	8
1981	Filha do Mineiro Carvão	Sissy Spacek	84	7,5
1994	O piano	Holly Hunter	89	7,5
2007	A rainha	Hellen Mirren	90	7,3
2017	La La Land: Cantando Estações	Emma Stone	94	8

Fonte: Dados da pesquisa, 2025.

4.2 Análise Fílmica

4.2.1 Uma Rua Chamada Pecado (1951)

O filme *Uma Rua Chamada Pecado* (1951), dirigido por Elia Kazan e premiado com o Oscar de Melhor Atriz em 1952, centra-se em Blanche DuBois, interpretada por Vivien Leigh. A personagem é retratada em decadência emocional, buscando atenção masculina e associada a estereótipos de fragilidade e instabilidade. Essa representação reflete a tendência do cinema hollywoodiano dos anos 1950 de retratar mulheres em busca de homens, reduzindo-as a objetos sexuais e limitando suas narrativas a expectativas sociais e românticas tradicionais (Rocha, 2019b). O contexto é a “primeira onda do feminismo” pós-guerra, com a re inserção masculina no papel de provedor e a relutância feminina em abandonar o mercado de trabalho após experimentar independência financeira (Bezerra, 2015).

A trama inicia com Blanche em Nova Orleans, onde se apresenta como culta, mas logo demonstra conflito psicológico. Afirma ser professora afastada por saúde mental, mas é revelado que foi demitida por envolvimento com um aluno de 17 anos. A personagem reflete as tensões da época, com mulheres lutando por autonomia sob pressão de padrões sociais rígidos (Bezerra, 2015). Blanche entra em conflito com o cunhado Stanley, uma relação

marcada por tensão sexual e agressões. Stanley, rude e machista, explora a vulnerabilidade de Blanche, expondo suas mentiras, promiscuidade e perda familiar. A relação de Stella, irmã de Blanche, com Stanley é também explorada, evidenciando a submissão e dependência emocional de Stella, comum às mulheres da época, que passavam da proteção paterna para a do marido (Coulanges, 1996).

A saúde mental de Blanche se deteriora, buscando consolo em lembranças passadas e perturbada pela morte do marido, levantando discussões sobre envelhecimento feminino e pressão social por aparência. Ao final, Blanche se perde entre realidade e ilusão e é internada em um hospital psiquiátrico, simbolizando sua derrota diante das forças opressivas de Stanley e da sociedade.

O cinema da época explorava decadência emocional, submissão e sexualização feminina, negligenciando papéis profissionais ou de autonomia. Blanche é retratada como vulnerável e desesperada por atenção masculina, reforçando estereótipos de fragilidade e dependência emocional, e transmitindo a ideia de que infelicidade e solidão eram inerentes à mulher moderna e independente (Bittar, 2012). Sua carreira de professora é um detalhe de um passado fracassado, não um empoderamento. O conflito entre Blanche, Stella e Stanley reflete a dependência emocional e social da mulher em relação ao homem. Stanley, o “rei da casa”, impõe dominação e submissão. Essa dinâmica, segundo Kehl (1996), legitima a virilidade do herói e reforça estereótipos de gênero.

4.2.2 *Mary Poppins* (1964)

A história se passa em Londres, em 1910, e acompanha a família Banks, cujos filhos Jane e Michael têm dificuldade em se relacionar com babás. Mary Poppins chega para cuidar das crianças, ensinando valores e lições (Mary..., 1964). Apesar de sua personalidade forte e autoritária, a personagem Mary Poppins ainda se restringe a um papel socialmente aceito para mulheres na virada do século XX: o cuidado e a educação infantil. Sua figura, mesmo subversiva, reforça a associação histórica entre feminilidade e funções de cuidado, como magistério e assistência, que eram as carreiras majoritariamente disponíveis às mulheres (Façanha, 2018).

Winifred Banks, a mãe das crianças, reflete a complexidade de gênero da época. Defensora do movimento sufragista, ela demonstra consciência de empoderamento feminino. Contudo, sua personagem se mostra dividida entre o ativismo e suas obrigações domésticas, submetendo-se às regras patriarcais do marido (Mary..., 1964). Essa dualidade destaca as tensões enfrentadas pelas mulheres, divididas entre a luta por direitos e as expectativas conservadoras da sociedade (Mary..., 1964). Muitas mulheres enfrentam a necessidade de optar entre carreira e maternidade, já que o cuidado socialmente naturalizado restringe o tempo dedicado à vida laboral (Vicente, 2018). George Banks, o pai, é uma figura conservadora e patriarcal, dedicado ao trabalho e preocupado em manter uma imagem de ordem e respeito, o que o distancia da família (Mary..., 1964).

A análise dessas representações no cinema hollywoodiano evidencia a supremacia masculina na dinâmica familiar dos Banks. Essa estrutura reflete as desigualdades de gênero da época, onde mulheres, mesmo engajadas em causas progressistas, estavam sujeitas a normas sociais que limitavam sua autonomia. Mary Poppins, apesar de sua independência, reforça os limites impostos às mulheres, pois sua atuação profissional se restringe ao cuidado infantil, seguindo o padrão das poucas carreiras socialmente aceitáveis para mulheres no período (Façanha, 2018).

4.2.3 *Noivo Neurótico, Noiva Nervosa* (1977)

O filme *Noivo Neurótico, Noiva Nervosa* (1977), dirigido por Woody Allen, explora o relacionamento entre Alvy Singer e Annie Hall, interpretada por Diane Keaton, destacando desafios dos relacionamentos amorosos. Filmes da década de 70 se conectavam autenticamente

com o mundo real, transmitindo emoções genuínas (Revista The Bard, 2023). A narrativa é conduzida do ponto de vista de Alvy, um comediante introspectivo, que explora os altos e baixos do relacionamento e tenta compreender o término com Annie (Noivo..., 1977).

Por ser contada exclusivamente pela perspectiva de Alvy, a representação de Annie é limitada, refletindo uma visão predominantemente masculina sobre as experiências femininas, já que ela é retratada em função de sua relação com Alvy, não como indivíduo autônomo (Pilcher; Silverstein, 2015). Inicialmente, Annie é apresentada como excêntrica e carismática, mas essa caracterização a reduz a um papel secundário, subordinado às inseguranças de Alvy. A narrativa não explora plenamente seu desenvolvimento pessoal, resultando em uma visão parcial.

Annie expressa o desejo de seguir carreira como cantora, mas sua trajetória é marcada por inseguranças, buscando validação para avançar (Noivo..., 1977). Com Alvy, ela passa a depender de suas aprovações e orientações profissionais (Noivo..., 1977). Isso perpetua a narrativa de mulheres como vulneráveis, envoltas em questões emocionais e dependentes de uma figura masculina protagonista. Mesmo quando a mulher é mais competente, é relegada a um papel secundário, com o homem mantendo o foco narrativo, fenômeno chamado “Síndrome da Coadjuvante Hiper-Competente” (Cadore; Monteiro, 2018).

Quando Annie se dedica seriamente à carreira musical, Alvy demonstra comportamentos inseguros e possessivos, levando ao término do romance (Noivo..., 1977). Após a separação, Annie decide seguir seu próprio caminho, mudando-se para Los Angeles em busca de novas oportunidades (Noivo..., 1977). Esse movimento simboliza uma evolução da personagem, sua busca por autonomia e crescimento pessoal. Sua trajetória evidencia uma mudança no comportamento feminino da época, priorizando sonhos profissionais em vez de submeter-se às exigências do amor. Alvy tenta reconquistá-la, mas ela recusa, reconhecendo as diferenças irreconciliáveis (Noivo..., 1977). Ao priorizar seu bem-estar e carreira, ela personifica a autonomia feminina, escolhendo a si mesma e evidenciando uma mudança no perfil feminino (Beauvoir, 1980).

É evidente no cinema o retrato das mulheres como musas inspiradoras. Annie se torna, em grande parte, a fonte de inspiração para Alvy, servindo como catalisador para seu aprendizado, mas sua própria trajetória profissional e desenvolvimento recebem pouca atenção (Cadore; Monteiro, 2018). Isso reforça o estigma de que mulheres, no contexto cinematográfico, muitas vezes existem para enriquecer o arco narrativo de personagens masculinos, em vez de terem suas próprias histórias exploradas de forma autônoma (Cadore; Monteiro, 2018)

4.2.4 *Filha do Mineiro de Carvão (1980)*

O filme *Filha do Mineiro de Carvão* (1980), dirigido por Michael Apted, é baseado na biografia de Loretta Lynn, uma estrela da música country americana, interpretada por Sissy Spacek. A narrativa explora a trajetória de Loretta da infância na pobreza até sua consagração, destacando desafios e resiliência (Filha..., 1980). Na década de 80, temas como violência e racismo ganhavam destaque, e as produções buscavam não só entreter, mas provocar discussões (Revista The Bard, 2023). O filme se alinha a esse contexto ao retratar a jornada de superação de Loretta.

A trama inicia na infância da personagem, marcada pela pobreza e normas de gênero, com o pai provedor e a mãe cuidando da casa e filhos (Filha..., 1980). A vida de Loretta muda ao conhecer Doolittle, interpretado por Tommy Lee Jones, um homem mais velho, quando ela tinha 13 anos. Apesar da desaprovação dos pais, casam-se rapidamente (Filha..., 1980). Após o casamento, Loretta assume o papel de esposa submissa, enfrentando agressões e sem

perspectiva de carreira fora do lar, refletindo a visão da mulher como inferior e limitada à dependência (Filha..., 1980).

O talento musical de Loretta surge espontaneamente. Doolittle a incentiva na carreira de cantora, organizando apresentações e assumindo a gestão, exercendo controle e refletindo o machismo predominante, externalizando a submissão que ela já vivenciava (Filha..., 1980). Doolittle é contraditório, apoiando o talento de Loretta mas exercendo poder, tomando decisões sem consultá-la. Essa postura se relaciona ao machismo e patriarcado, que oprimia mulheres e impunha expectativas rígidas sobre homens (Carvalho, 2022).

Enquanto Loretta conquista espaço na música country, ela enfrenta barreiras em um cenário dominado por homens, sendo colocada em subserviência e tendo suas habilidades questionadas (Filha..., 1980). No entanto, ela gradualmente revela sua força e determinação, assumindo o controle da carreira após enfrentar agressões e traições de Doolittle, que priorizava o lucro. Cenas de possessividade, ciúmes e agressão, como quando ele a agride por maquiagem ou traição, são fundamentais para a autodescoberta de Loretta (Filha..., 1980). Ela se impõe, buscando controle sobre sua vida e carreira, tornando-se mais experiente e segura, participando de negociações e fazendo exigências (Filha..., 1980).

A personagem evolui de dependente para uma mulher que se impõe em ambiente masculino. Suas músicas abordam temas femininos, tornando-a voz poderosa para muitas mulheres (Filha..., 1980). No auge da carreira, Loretta lida com cobranças excessivas para equilibrar vida profissional e responsabilidades de mãe/esposa, uma pressão rara para homens. Ela enfrenta solidão, exaustão e insegurança pela falta de apoio (Filha..., 1980). Esses desafios refletem as dificuldades de mulheres em conciliar ambições com expectativas sociais. Há uma expectativa cultural de que mulheres sejam submissas e dedicadas à família (Carvalho, 2022). Apesar dos obstáculos, Loretta emerge como líder em sua carreira e voz para outras mulheres. O filme celebra sua resiliência e talento, expondo as limitações femininas de meados do século XX (Filha..., 1980).

4.2.5 O Piano (1994)

Na década de 90, o cinema se destacou por sua ousadia e diversidade, revisitando temas já explorados anteriormente, mas com um impulso criativo renovado (Cinema em Foco, 2022). A abordagem não convencional adotada por muitos filmes atraiu plateias mais reflexivas e abertas a experimentações (Cinema em Foco, 2022). Além disso, o cinema fora do circuito americano ganhou grande visibilidade, revelando novos diretores e apresentando uma ampla variedade de histórias. Essas produções, muitas vezes, reconstituíam épocas históricas com riqueza de detalhes, ao mesmo tempo, em que exploravam dramas existenciais profundos e emocionantes. Com releituras da Segunda Guerra Mundial, tradições culturais milenares e personagens famosos (Cinema em Foco, 2022).

Em 1994, dirigido por Jane Campion, a única mulher entre os diretores dos filmes analisados, o longa *O Piano*, destacou-se, rendendo à atriz Holly Hunter o Oscar de Melhor Atriz por sua interpretação de Ada McGrath, uma mulher que é enviada junto a sua filha Flora, interpretada por Anna Paquin para um casamento arranjado com Alisdair Stewart, vivido pelo ator Sam Neill. A trama se passa no século XIX, na Nova Zelândia, e começa com a chegada de Ada à nova comunidade onde ela viverá como esposa. Essa dinâmica reflete uma sociedade totalmente patriarcal, onde as mulheres eram tratadas como propriedade, e sua autonomia era limitada (Roiz, 2011).

Ada é uma personagem muda, que se comunica com suas emoções e pensamentos através do piano (*O Piano*, 1994). O drama retrata de forma sutil e impactante o silenciamento feminino imposto pela sociedade da época. A personagem é retratada como uma mulher complexa, ao mesmo tempo forte, determinada e presa por viver em uma época em que as mulheres eram vistas apenas como objetos, destinadas a gerar, educar os filhos e cuidar do espaço doméstico

(Silva et al., 2022). Embora não exerça um trabalho formal, até mesmo pelo contexto social apresentado, o piano é o centro de sua existência, servindo como sua principal ferramenta de expressão e conexão com o mundo. Esse instrumento simboliza sua independência criativa em um contexto social em que as mulheres eram frequentemente silenciadas. Até mesmo o fato dela ser muda, passa a impressão de que mesmo silenciada ela ainda busca como fazer o mundo ouvi-la.

Ao chegar à Nova Zelândia, Ada se depara com um ambiente hostil. Logo no início, sem conhecer sua história, Alisdair, seu marido, decide deixar o piano na praia onde desembarcaram, justificando que era um item pesado e desnecessário. Essa atitude desagrada profundamente Ada, que, a cada dia, torna-se mais frustrada com a situação (*O Piano*, 1994). Em um dos momentos em que Alisdair sai para trabalhar, Ada pede a ajuda de George (Harvey Keitel), seu vizinho, para levá-la até a praia e tocar o piano mais uma vez. George, um homem que transita entre a cultura europeia e a cultura maori, nativa da ilha, aceita ajudá-la. Ele se encanta pela música de Ada e pela intensidade com que ela a expressa (*O Piano*, 1994).

Após retornarem, George negocia a compra do piano com Alisdair e propõe que Ada se torne sua professora. No entanto, durante uma das aulas, ele faz um acordo com Ada, o mesmo devolverá o piano se ela permitir que ele toque seu corpo (*O Piano*, 1994). Esse acordo dá início a uma relação inicialmente marcada por tensão, mas que gradualmente evolui para algo consensual. Por meio dessa conexão, Ada começa a explorar seus desejos e a redescobrir sua liberdade, reprimida em seu casamento (*O Piano*, 1994). Reforçando o estereótipo de que a mulher é frequentemente reduzida a um papel de objeto sexual (Gerbase, 2017).

Conforme Alisdair percebe o envolvimento de sua esposa com o vizinho, ele se torna cada vez mais violento e controlador. Em um momento de desespero, tenta abusar de Ada, e, em outro, corta um de seus dedos, afirmando que está cortando suas asas (*O Piano*, 1994). Esse ato de brutalidade simboliza sua tentativa de silenciá-la e reafirmar seu domínio sobre ela.

No desfecho do filme, Ada escolhe a liberdade e parte com George e sua filha Flora, sendo um ato de coragem e autodeterminação. Durante a travessia em uma canoa, carregando o piano, ela ordena que o instrumento seja jogado ao mar. No entanto, enquanto o piano afunda, seu pé fica preso às cordas, e ela é arrastada para o fundo do oceano. Por um breve momento, parece que Ada aceita a morte, mas logo luta para se libertar e retorna à superfície (*O Piano*, 1994). Ada inicia uma nova vida ao lado de George e Flora, em um lugar onde pode tocar um piano adaptado à sua mão mutilada. Apesar dos desafios, ela aprende a viver com sua nova realidade, encontrando, enfim, um espaço onde pode ser ouvida, respeitada e livre (*O Piano*, 1994).

Em uma análise mais ampla do filme, considerando o contexto histórico em que a narrativa se desenvolve, um mundo profundamente patriarcal do século XIX, Ada desafia os estereótipos femininos tradicionais da época. Em vez de se mostrar totalmente submissa ao marido e conformada às normas que lhe são impostas, ela é representada como uma mulher com desejos e vontades próprias.

Ainda assim, a personagem personifica um arquétipo feminino recorrente nas narrativas cinematográficas, o de uma mulher que enfrenta sofrimento físico, emocional e social para, finalmente, alcançar sua liberdade e felicidade. Essa representação reforça a ideia de que as mulheres precisam passar por dor e sacrifício para merecerem um final feliz, perpetuando uma visão problemática sobre o papel feminino nas histórias. A relação entre Ada e George, inicialmente marcada por trocas desiguais, reflete como a sexualidade das mulheres foi historicamente controlada e tratada como uma moeda de barganha.

Além disso, o arco amoroso de Ada com George apresenta uma transformação típica, de um homem inicialmente problemático e manipulador que muda completamente por estar apaixonado por uma mulher. Essa narrativa coloca sobre as mulheres a responsabilidade de "humanizar" os homens, reforçando expectativas desiguais de gênero e perpetuando a ideia de

que cabe às mulheres a tarefa de redimir ou transformar os homens por meio de seu amor e sacrifício. Essa dinâmica ecoa a observação de Kehl (1996) sobre a presença da mulher no cinema, em que sua submissão e rendição são frequentemente retratadas como elementos essenciais para a legitimação da virilidade e da redenção do herói masculino.

Embora Ada não exerça liderança feminina convencional, ela possui uma força interior que lhe dá poder em um ambiente opressor. O fato de ser muda simboliza o silenciamento histórico das mulheres, e seu piano torna-se uma forma de resistência, um meio de expressão que reafirma sua identidade em um mundo que tenta controlá-la. Sua recusa final ao controle masculino, chegando a preferir a morte à submissão, representa um gesto de afirmação de sua autonomia.

4.2.6 A Rainha (2006)

A partir dos anos 2000, o cinema refletiu uma visão mais complexa do mundo, influenciada por conflitos geopolíticos e desconfiança nas instituições, levando a filmes sobre terrorismo e crises de poder (Academia Internacional de Cinema, 2019). Nesse contexto, *A Rainha* (2006), dirigido por Stephen Frears e estrelado por Helen Mirren como Rainha Elizabeth II, se destaca como drama biográfico que captura o clima de tensão social. O filme mescla elementos documentais, adotando abordagem contida e realista, focando na mulher como figura de autoridade em ambiente predominantemente masculino. A trama retrata os eventos após a morte da princesa Diana em 1997, focando na reação da monarquia britânica e na relação entre a rainha e o primeiro-ministro Tony Blair (*A Rainha*, 2006).

A narrativa inicia com a rigidez da monarquia e a resistência da família real em demonstrar luto público por Diana, que havia perdido o título real (*A Rainha*, 2006). Essa postura contrasta com a comoção popular e a pressão política por uma atitude mais empática. O papel da Rainha é complexo, associado a rigidez emocional e postura reservada, características de sua persona pública, refletindo seus dilemas em lidar com um evento que desafia sua formação em liderança (*A Rainha*, 2006).

Tony Blair tenta persuadir a Rainha Elizabeth II a adotar uma postura mais conectada com o povo, enquanto a família real insiste na discrição (*A Rainha*, 2006). Príncipe Charles demonstra preocupação com a imagem pública, mas Príncipe Philip e Rainha Mãe minimizam a situação, crendo que a tradição deve prevalecer (*A Rainha*, 2006). Essa postura dos homens ao redor da rainha sugere um viés machista, tentando influenciá-la ou minimizar suas decisões. Philip desdenha da reação popular, e a Rainha Mãe reforça a inabalabilidade da monarquia, sem considerar os desafios adicionais de Elizabeth como mulher em sua posição (*A Rainha*, 2006). Tony Blair, embora respeitoso, age como um "mediador" quase paternalista, "ensinando" a Rainha a lidar com a situação, reforçando a ideia de que ela, apesar de poderosa, precisa ser guiada por homens (*A Rainha*, 2006).

Elizabeth II, ao ouvir Blair, reconhece a crise e, relutantemente, retorna a Londres. Ela autoriza o hasteamento da bandeira a meio-mastro no Palácio de Buckingham, um gesto simbólico que rompe com o protocolo (*A Rainha*, 2006). Em um discurso televisionado, ela expressa publicamente tristeza pela morte de Diana, representando uma concessão às demandas populares e um momento de transformação para a rainha, que demonstra vulnerabilidade e tentativa de se aproximar do povo (*A Rainha*, 2006). A narrativa encerra sugerindo uma mudança na percepção da rainha sobre seu papel, compreendendo que a monarquia precisa se adaptar, mas mantendo sua essência e senso de dever (*A Rainha*, 2006).

A monarquia britânica, mesmo liderada por uma mulher, está enraizada em um modelo de liderança patriarcal, baseado em racionalidade e distanciamento emocional (Roiz, 2011). A rainha mantém sua autoridade e só muda sua posição quando julga necessário, demonstrando autonomia. O filme evita caricaturar Elizabeth II como fria, sugerindo que sua rigidez é uma resposta às demandas de um sistema que exige inabalabilidade de mulheres no poder. Sua

postura reservada é uma estratégia de sobrevivência em um ambiente onde mulheres líderes são frequentemente questionadas com mais severidade.

O contraste entre a Rainha e a Princesa Diana é notável: Diana é vista como ideal por sua expressividade, enquanto a Rainha, mais rígida, é mais criticada. Esse padrão de julgamento feminino aceita mais facilmente mulheres que seguem papéis tradicionais de empatia, enquanto as que estão em posições de poder e são reservadas enfrentam maior resistência. Sandberg (2013) destaca que homens líderes são esperados assertivos, enquanto mulheres são cobradas a serem gentis, sendo rotuladas como "agressivas" se agirem firmemente. O filme, portanto, explora a crise da monarquia e questiona as expectativas sociais em relação às mulheres no poder.

4.2.7 *La La Land: Cantando Estações (2016)*

A partir da década de 2020, o público cinematográfico é moldado por novas gerações, que privilegiam filmes com ritmo acelerado e espetáculo visual. Nesse contexto, os blockbusters hollywoodianos, com orçamentos exorbitantes, dominam as bilheterias, caracterizados por cortes rápidos, efeitos especiais e narrativas de franquias consolidadas, evitando riscos criativos.

Em contraste, *La La Land: Cantando Estações (2016)*, dirigido por Damien Chazelle, narra a história de Mia, uma aspirante a atriz (Emma Stone), e Sebastian, um pianista de jazz (Ryan Gosling). Mia, inicialmente balconista em um café, luta para se tornar atriz, refletindo as inseguranças e sacrifícios de muitos jovens. A personagem é retratada como talentosa, ambiciosa e romântica, que enfrenta provações, mas é frequentemente desvalorizada no ambiente profissional. Essa representação dialoga com a ideia de que mulheres, ao adentrar espaços masculinos, são reduzidas a símbolos, ocupando posições de menor status e enfrentando obstáculos à igualdade. Essa dinâmica se alinha à teoria do "labirinto de cristal", que descreve a ascensão profissional feminina como lenta e tortuosa devido a desafios complexos.

A evolução de Mia é lenta e frequentemente impulsionada por fatores externos e suas inseguranças. Um dos principais fatores de sua transformação é o incentivo de Sebastian, que acredita em seu talento e a encoraja a escrever sua própria peça de teatro. Em contraste, Sebastian exibe maior autonomia em sua jornada, mesmo enfrentando pressões. Essa dinâmica evidencia uma perspectiva recorrente em narrativas, na qual mulheres frequentemente necessitam de incentivo de terceiros, especialmente de figuras masculinas, para prosperar, enquanto aos homens é destinado um papel de virilidade e herói.

O ponto de virada na carreira de Mia ocorre quando ela decide seguir o conselho de Sebastian, escrevendo e produzindo sua peça. Essa decisão marca um momento de independência e empoderamento, mas o filme ainda reflete a ideia de que a personagem depende de validações e influências externas para progredir. Essa abordagem perpetua um padrão em que mulheres são retratadas como dependentes do reconhecimento alheio para alcançar objetivos.

Ao final de *La La Land: Cantando Estações (2016)*, Mia alcança o sucesso, mas seu protagonismo não é marcado por poder ativo ou transformador. Sua trajetória é caracterizada por adaptação e resiliência dentro de um sistema já desafiador, especialmente para mulheres. A análise revela estereótipos mais sutis, refletindo a evolução das representações femininas. O filme evita a sexualização do corpo feminino, diálogos machistas explícitos ou violência contra mulheres, destacando uma mudança positiva na forma de retratá-las. Bittar (2012) afirma que a condição da mulher passa por transformações, e o ideal da mulher submissa não é mais facilmente aceito. O filme dialoga com essa mudança de paradigma, apresentando a personagem principal com um enredo diferente, mesmo com resquícios de estereótipos tradicionais. Essa abordagem sugere avanço na representação feminina, mas ainda com espaço para desconstrução de normas de gênero enraizadas.

4.3 Análise da evolução das representações femininas ao longo das décadas no cinema

A análise dos filmes vencedores do Oscar de Melhor Atriz entre 1950 e 2020 revela uma evolução na representação feminina, com desconstrução de estereótipos, maior espaço profissional e autonomia, e diminuição do machismo explícito nas narrativas.

No período inicial (década de 1950), personagens como Blanche DuBois (*Uma Rua Chamada Pecado*, 1952) e Stella refletiam valores patriarcais, sendo frágeis, dependentes e submissas. Mesmo *Mary Poppins* (1965), que demonstra força, tinha seu papel restrito ao cuidado infantil. A mãe, Winifred Banks, apesar do ativismo sufragista, submetia-se a normas patriarcais no lar. As carreiras femininas eram inexistentes ou extensões do cuidado (Façanha, 2018).

Entre 1970 e 1980, houve uma virada: Annie Hall (*Noivo Neurótico, Noiva Nervosa*, 1978) demonstra evolução em sua autonomia emocional, priorizando bem-estar e carreira. Loretta Lynn (*Filha do Mineiro de Carvão*, 1981) é a primeira protagonista com foco em trajetória profissional e pessoal, enfrentando machismo na indústria e no casamento para construir sua autonomia. A conciliação entre vida profissional e doméstica ainda era um desafio, com a mulher mantendo a responsabilidade majoritária pelo cuidado familiar (Rocha, 2011).

Nos anos 1990, *Ada* (*O Piano*, 1994) retrata uma mulher do século XIX submetida a violências. Sua música é resistência, mas a liberdade é conquistada por sofrimento e sexualização, em um caminho marcado por humilhações. Nos anos 2000, *A Rainha* (2006) apresenta Elizabeth II como figura de autoridade em ambiente masculino, enfrentando desafios específicos. Ela exerce liderança firme, mas lida com um duplo padrão de gênero: enquanto homens são valorizados pela racionalidade, ela é cobrada por emoção, uma "armadilha cultural" para mulheres líderes (Sandberg, 2013).

Na década de 2010, *Mia* (*La La Land: Cantando Estações*, 2016) representa uma evolução significativa: uma mulher ambiciosa que prioriza sua carreira, escrevendo sua própria peça e buscando seus sonhos. Diferente de personagens anteriores, Mia não sofre violência física, humilhações ou sexualização. Contudo, sua autoconfiança crucial ainda é desencadeada por incentivo masculino, sugerindo que, mesmo em produções recentes, a autonomia feminina é muitas vezes apresentada como validada externamente

Quadro 1 – Resumo Comparativo I (contexto da época, representação feminina e estereótipos) (continua)

FILME / DÉCADA	CONTEXTO DA ÉPOCA	REPRESENTAÇÃO FEMININA	ESTEREÓTIPOS ASSOCIADOS
<i>Uma Rua Chamada Pecado</i> (1951)/ 1950	Período pós-guerra, caracterizado pela reinserção dos homens na sociedade, retomando o papel de provedores familiares.	Blanche é uma mulher em estado de decadência emocional, desesperada por atenção masculina, vista como frágil e manipuladora. E sua irmã Stella, é totalmente submissa ao marido, onde possui uma grande dependência emocional.	Mulher histérica, sedutora, submissa, decadente e moralmente frágil.
<i>Mary Poppins</i> (1964)/ 1960	Início dos movimentos feministas, como o sufragista, um movimento social, político e econômico de reforma, com o objetivo de estender o direito de voto feminino.	Mary Poppins é uma mulher mágica, encantadora e carismática, sendo firme nas suas decisões. Já a mãe das crianças, Winifred possui consciência do empoderamento feminino, defendendo as causas do sufragismo, porém fica dividida entre o ativismo e suas obrigações domésticas.	A mulher perfeita, que assume o papel de cuidado.

<i>Noivo Neurótico, Noiva Nervosa</i> (1977)/ 1970	Feminismo em ascensão, questionamento e revolução dos papéis tradicionais.	Annie é uma mulher independente, mas insegura, que está em busca de sua identidade.	Mulher ingênua, guiada pelo homem, emocionalmente instável que possui um papel secundário, subordinando-se às inseguranças e as neuroses do Alvy.
<i>Filha do Mineiro de Carvão</i> (1980)/ 1980	Expansão dos direitos civis e as mulheres entrando e consolidando cada vez mais no mercado de trabalho, principalmente os considerados masculinos.	Loretta Lynn é uma mulher forte, trabalhadora que enfrenta barreiras para se consolidar na indústria musical. Ela enfrenta o machismo tanto na sua carreira como dentro de casa, mas gradualmente conquista espaço para sua voz e talento.	Mulher dependente emocional do marido, que aceita as agressões. Além disso, enfrenta o peso de cobranças excessivas, esforçando-se para equilibrar sua vida profissional com as responsabilidades de mãe.
<i>O Piano</i> (1993)/ 1990	Pós-Guerra Fria, ascensão de debates identitários, valorização da arte independente.	Ada é uma personagem do século XIX muda, que se comunica com suas emoções e pensamentos através do piano. Ela é retratada como uma mulher complexa, ao mesmo tempo forte, determinada e presa por viver em uma época em que as mulheres eram vistas apenas como objetos, destinadas a gerar, educar os filhos e cuidar do espaço doméstico.	Mulher sexualizada que teve que usar o corpo para recuperar seu piano. Além disso, enfrenta sofrimento social, físico e emocional, para alcançar sua liberdade e felicidade. E seu arco amoroso colocou a personagem em uma narrativa de humanizar o homem com quem se apaixonou.
<i>A Rainha</i> (2006)/ 2000	Pós-11 de setembro, marcado pelos atentados ocorridos contra os Estados Unidos, questionamento das instituições políticas e tradições.	A Rainha é uma personagem complexa, associando-se a traços de rigidez emocional e uma postura reservada, características que definem sua persona pública, que segue rigidamente os protocolos tradicionais da monarquia e reluta em demonstrar emoções em público.	O filme evita transformar Elizabeth II em uma caricatura de mulher fria ou insensível. Porém há contraste entre a figura da rainha e a da princesa Diana. Enquanto Diana é vista como uma mulher ideal por sua expressividade emocional e carisma, a rainha é retratada como mais rígida.
<i>La La Land: Cantando Estações</i> (2016)/ 2010	Era digital e o empoderamento feminino em alta, pautas de muitas discussões.	Mia é retratada como uma pessoa talentosa, ambiciosa e romântica, que passa por uma série de provocações enquanto busca realizar seu sonho, porém é desvalorizada no ambiente profissional.	Mulher sonhadora que precisa do apoio masculino.

Fonte: Dados da pesquisa, 2025.

Quadro 2 – Resumo Comparativo II (carreira profissional, autonomia e evolução)

FILME / DÉCADA	CARREIRA PROFISSIONAL	AUTONOMIA	EVOLUÇÃO
<i>Uma Rua Chamada Pecado</i> (1951)/ 1950	Blanche era uma professora que foi demitida por se envolver com um aluno, mas ao longo do filme não possuía carreira ativa.	Baixa, sendo muitas vezes dominada pelo cunhado Stanley.	Não possui. Ao final do filme a personagem enlouquece e é levada para um hospital psiquiátrico.

<i>Mary Poppins</i> (1964)/ 1960	Babá.	Moderada, Mary Poppins apesar de tomar decisões próprias, são dentro do papel tradicional.	Leve ruptura ao mostrar mulher com liderança sutil e carisma, ainda ligada ao lar.
<i>Noivo Neurótico, Noiva Nervosa</i> (1977)/ 1970	Cantora iniciante.	Média, apesar de ganhar certa autonomia ao final do filme, priorizando seu bem-estar e carreira em vez de se manter num relacionamento neurótico e “tóxico”. Ao longo do filme é influenciada por Alvy.	Possui uma evolução maior, sendo livre para tomar suas próprias decisões, mas ainda dependente do olhar masculino.
<i>Filha do Mineiro de Carvão</i> (1980)/ 1980	Cantora <i>country</i> .	Alta, pois ao longo do filme ela luta pela carreira, desafia o marido e a indústria.	Grande evolução, apesar de enfrentar obstáculos, como o machismo em sua vida pessoal e na indústria musical, Loretta emerge como uma figura de liderança, tanto em sua carreira quanto como uma voz para outras mulheres.
<i>O Piano</i> (1993)/ 1990	Ao longo do filme ela era dona do lar, mas ao final da trama, deu a entender que ela seguiu o sonho de ser pianista.	Alta, pois se analisar a época em que o filme se passa, a personagem se recusou a aceitar imposições e escolheu seu caminho.	Alta, pois representa o conflito entre opressão e desejo de liberdade feminina.
<i>A Rainha</i> (2006)/ 2000	Monarca, sendo um poder institucional.	Alta, pois ela mantém postura firme, apesar da pressão masculina e social.	Mostra o desafio de mulheres no poder, a exigência de frieza e perfeição para manter autoridade.
<i>La La Land: Cantando Estações</i> (2016)/ 2010	Atriz iniciante.	Alta, pois ela corre atrás dos seus sonhos, escrevendo sua própria peça, marcando um momento de independência e empoderamento, porém quem dá a ideia e o incentivo é o namorado, Sebastian. Essa dinâmica evidencia uma perspectiva recorrente na qual mulheres necessitam de figuras masculinas.	A personagem não sofre violências físicas, humilhações e seu corpo não é sexualizado, marcando assim um claro progresso em relação as décadas anteriores.

Fonte: Dados da pesquisa, 2025.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir da análise filmica de obras emblemáticas das décadas de 1950 a 2020, interpretadas por atrizes vencedoras do Oscar de Melhor Atriz, foi possível identificar avanços em suas narrativas, padrões de gêneros recorrentes associados, e permanência de subjetividade na forma como as mulheres são representadas na indústria cinematográfica.

A análise revelou que, embora haja uma evolução na autonomia das personagens femininas ao longo das décadas, muitos estereótipos tradicionais ainda persistem, pois, as personagens são frequentemente retratadas como frágeis, emocionalmente instáveis, ligadas ao papel doméstico e a necessidade da validação masculina para tomada de decisões. Mesmo em contexto que demonstram força, liderança ou protagonismo, suas histórias frequentemente são acompanhadas por sacrifícios, sofrimento e narrativas que reforçam as desigualdades de gênero.

Nos filmes estudados, é possível observar que as narrativas refletem a realidade vivida por muitas mulheres nos espaços domésticos e no mercado de trabalho, como o machismo, a violência, a desvalorização de suas conquistas e os obstáculos para ascensão em espaços

dominados pela figura masculina. E quando observado isso nas indústrias cinematográficas, onde há poucas mulheres em cargos de direção, produção e roteiro, somada a desigualdade salarial, a objetificação da imagem da mulher e a escassez de narrativas centradas em protagonistas femininas, evidencia o quanto o cinema ainda reflete e reforça as estruturas patriarcais presentes no mercado de trabalho em geral.

Quando se observa o mercado de trabalho como um todo, apesar de comporem boa parte da força de trabalho, as mulheres ainda encontram barreiras significativas para alcançarem posições de liderança, salários igualitários e autonomia. Os fenômenos “teto de vidro” e “labirinto de cristal” reforçam como a ascensão feminina é marcada por obstáculos, muitas vezes invisíveis, mas estruturalmente enraizados, que inviabilizam o crescimento das mulheres em cargos de posições maiores. Além disso, as pressões relacionadas a aparência, comportamento e a maternidade, em que muitas mulheres enfrentam pressões para conciliar, dificultam o desenvolvimento profissional delas que acabam sendo marginalizadas no ambiente corporativos, devido à falta de leis que garantem seu desenvolvimento profissional e econômico.

Apesar disso, foram identificados nos filmes momentos significativos de empoderamento, resistência e quebra de padrões tradicionais, sobretudo em obras mais recentes, onde as personagens demonstram maior complexidade e protagonismo em suas narrativas. Essas mudanças refletem o impacto das lutas femininas por representações mais realistas e menos estereotipadas da mulher no audiovisual.

Portanto, o cinema, enquanto expressão artística e cultural, reproduz os valores da sociedade em que está inserido e contribui ativamente para a construção de visões e ideias coletivas, sendo um poderoso formador de opiniões. A forma como as mulheres são retratadas nas produções produzem efeito sobre a percepção dos papéis femininos na sociedade, sendo, portanto, um espaço fundamental para a promoção de igualdade de gênero, nas relações profissionais e sociais.

Este estudo, no entanto, não se encerra aqui. A análise das representações femininas no cinema é um campo dinâmico e em constante transformação, que exige atualizações contínuas diante das mudanças sociais, culturais e políticas que impactam tanto a indústria audiovisual quanto o papel da mulher na sociedade. Novas produções, plataformas e narrativas emergem a cada ano, oferecendo outras perspectivas, desafios e possibilidades de representação. Além disso, outras variáveis como raça, classe, orientação sexual, idade e deficiência ainda precisam ser exploradas com maior profundidade, visto que interseccionam as experiências femininas e ampliam a compreensão das desigualdades de gênero.

No campo da ciência da Administração, este debate contribui significativamente para a compreensão dos processos de exclusão, dos desafios enfrentados pelas mulheres nas organizações e da importância de modelos mais inclusivos de liderança e gestão. Assim, este trabalho constitui um ponto de partida e um convite para que novas pesquisas ampliem a discussão, contribuindo produções cinematográficas e práticas administrativas mais diversas, inclusivas e comprometidas com a equidade de gênero.

REFERÊNCIAS

ACADEMIA de Artes e Ciências Cinematográficas (Oscar), 2019. Disponível em: <http://www.oscars.org>. Acesso em: 20 jan. 2025.

A **RAINHA**. Direção: Stephen Frears. Reino Unido: Pathé, 2006. DVD.

BALLERINI, Franthiesco. **História do cinema mundial**. Summus Editorial, 2020.

BARROS, José d'Assunção. Cinema e história – as funções do cinema como agente, fonte e representação da história. **Ler História**, v. 52, p. 127-159, 2007. Disponível em: <https://journals.openedition.org/lerhistoria/2547>. Acesso em 29 mar. 2025.

BEZERRA, Juliana. **História do Cinema**. Toda Matéria, 2019. Disponível em: <https://www.todamateria.com.br/historia-do-cinema/>. Acesso em 27 mar. 2025.

BEZERRA, Sabrina Rafael. “**O sorriso de Monalisa**”: uma representação histórica sobre o lugar da mulher na sociedade nos anos 1950 através do cinema. Anais XI CONAGES, Realize Editora: Campina Grande, 2015. Disponível em: <https://www.editorarealize.com.br/artigo/visualizar/10907>. Acesso em: 04 fev. 2025.

BITTAR, Amanda. Bem-sucedidas e mal amadas?: A representação das mulheres do alto escalão organizacional do cinema. **Anagrama**, São Paulo, v. 5, n. 4, 2012. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/anagrama/article/view/35651/38371>. Acesso em: 28 jan. 2025.

CADORE, C. B. M.; MONTEIRO, K. F. **A representatividade do papel da mulher no cinema face ao domínio masculino**. In: Direitos Fundamentais nos novos cenários do Século XXI., 2018. p. 29-45. Disponível em: <https://www.precog.com.br/bc-texto/obras/2019-pack-024>. Acesso em: 6 mar. 2025.

CARVALHO, Pamela Bessa. **A influência dos estereótipos patriarcalistas propagados pelo cinema contemporâneo sobre a profissão de Secretariado Executivo**. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Secretariado Executivo) – Faculdade de Economia, Administração, Atuária e Contabilidade, Universidade Federal do Ceará: Fortaleza, 2022. Disponível em: <https://repositorio.ufc.br/handle/riufc/68873>. Acesso em: 10 fev. 2025.

O CINEMA mundial nos anos 90: Diversidade, ousadias e releituras. **Cinema em Foco**, 2022. Disponível em: <https://cinemaemfoco.com/o-cinema-mundial-nos-anos-90-diversidade-ousadias-e-releituras/>. Acesso em: 11 fev. 2025.

COULANGES, Fustel de. **A Cidade Antiga: estudos sobre o culto, o direito, as instituições da Grécia e de Roma**. São Paulo: Hemus, 1996.

EZZEDEEN, Souha R. Portrayals of career women in Hollywood films: implications for the glass ceiling's persistence, *Gender in Management*, v. 30, n. 3, p. 239-264, 2015. Disponível em: <https://www.emerald.com/insight/content/doi/10.1108/gm-07-2013-0073/full/html>. Acesso em: 23 jan. 2025.

FAÇANHA, Marlia Aguiar. E se contassem outra história. **Gênero e Feminismo no ensino de História**. In: 30º Simpósio Nacional de História, p. 1-16, Recife, 2019. Disponível em: https://anpuh.org.br/uploads/anais-simposios/pdf/2024-06/1718780400_21e96f950feccaab10c8e52be08af24b.pdf. Acesso em: 23 jan. 2025.

FILHA do mineiro de carvão. Direção: Michael Apted. Estados Unidos: MCA DiscoVision; MCA Home Video, 1980. Online. Disponível em: <https://tv.apple.com/pt/movie/a-filha-do-mineiro/umc.cmc.6nrzhnjd9nylbex498ma62uxx>. Acesso em: 20 jan. 2025.

FORBES. **Cresce o preconceito contra lideranças femininas, mostra estudo**. 20 dez. 2022. Disponível em: <https://forbes.com.br/forbes-mulher/2022/12/cresce-o-preconceito-contraliderancas-femininas-mostra-estudo/>. Acesso em: 29 mar. 2025.

GARCIA, L. J.; CARAM, N. R. O Oscar vai para: A categoria de melhor filme. **Revista Interamericana de Comunicação Midiática**, v. 20, n. 42, p. 1-23, 2021. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/animus/article/view/40083/pdf>. Acesso em: 20 jan 2025.

GERBASE, Carlos. Outlander: um olhar feminino sobre a sexualidade. **Rumores**, v. 11, n. 22, p. 1-20, 2017. Disponível em: https://repositorio.pucrs.br/dspace/bitstream/10923/14251/2/Outlander_um_olhar_feminino_sobre_a_sexualidade.pdf. Acesso em: 11 mai. 2025.

KEHL, Maria Rita. **O Cinema no Século**. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

LA LA LAND: Cantando Estações. Direção: Damien Chazelle. Estados Unidos: Summit Entertainment, 2016. Online. Disponível em: https://www.primevideo.com/dp/amzn1.dv.gti.1ab8a1008125-e6ce-39124d26b084d5ff?autoplay=0&ref_=atv_cf_strg_wb. Acesso em: 11 fev. 2025.

MACEDO, C. V. **Diferenciação ocupacional e salarial do operariado feminino vis-à-vis o masculino na indústria brasileira**. Dissertação de Mestrado (Mestrado em Ciências Econômicas), CEDEPLAR – Universidade Federal de Minas Gerais: Belo Horizonte, 1985.

MARY Poppins. Direção: Robert Stevenson. Estados Unidos: Walt Disney, 1964. Online. Disponível em: <https://www.disneyplus.com/pt-br/browse/entity-f63db666-b097-4c61-99c1-b778de2d4ae1?distributionPartner=google>. Acesso em: 11 fev. 2025.

MASCARELLO, Fernando. **História do cinema mundial**. São Paulo: Papirus Editora, 2015.

MENDES, Andréa Peres. **Labirinto de Cristal: Mulheres, Carreira e Maternidade uma conciliação possível?**. Dissertação (Mestrado em Psicologia Social) – Programa de Estudos de Pós-Graduação em Psicologia Social, Pontifícia Universidade de Católica de São Paulo: São Paulo, 2017. Disponível em: <https://sapientia.pucsp.br/bitstream/handle/20561/2/Andr%C3%A9a%20Peres%20Mendes.pdf>. Acesso em: 06 mar. 2025.

MUDANÇAS na indústria cinematográfica. **Academia Internacional de Cinema**, 2019. Disponível em: <https://www.aicinema.com.br/mudancas-na-industria-cinematografica/>. Acesso em: 11 mai. 2025.

NOIVO Neurótico, Noiva Nervosa. Direção: Woody Allen. Estados Unidos: Jack Rollins & Charles H. Joffe Productions, 1977. Online. Disponível em: <https://www.primevideo.com/pt/detail/Noivo-neur%C3%B3tico-noiva-nervosa/0RMP320ENXLF9CVLVB8RJJG2GEM>. Acesso em: 05 fev. 2025.

O PIANO. Direção: Jane Campion. Austrália: Australian Film Commission, 1980. DVD.

PILCHER, L. D.; SILVERSTEIN, M. **The Ms. Factor: The Power of Female Driven Content**. 2015.

PINTO, C. R. J. Feminismo, história e poder. **Revista de Sociologia e Política**, v. 18, n. 36, p. 15-23, 2010. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rsocp/a/GW9TMRsYgQNzxNjZNcSBf5r>. Acesso em: 25 fev. 2025.

ROCHA, Anderson Alves da. A era de ouro de Hollywood: História e modo de produção da indústria cinematográfica dos Estados Unidos (1910-1950). **Comunicologia-Revista de**

Comunicação da Universidade Católica de Brasília, v. 12, . 1, p. 19-34, 2019a. Disponível em: <https://portalrevistas.ucb.br/index.php/RCEUCB/article/view/10373>. Acesso em: 11 fev. 2025.

ROCHA, Caroline Gomes. **A mulher e o Cinema: Uma breve análise da representação feminina na era de ouro do cinema americano**. In: XXI Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste 2019, São Luís: 2019b. Disponível em: <https://portalintercom.org.br/anais/nordeste2019/resumos/R67-0037-1.pdf>. Acesso em: 23 jan. 2025.

ROCHA, M. L. C. **De volta ao lar: mulheres que abandonaram uma carreira profissional bem sucedida com o nascimento dos filhos**. In: FÉRES-CARNEIRO, Terezinha (Org.), Casal e Família: Conjugalidade, parentalidade e psicoterapia (pp. 143-148). Casa do Psicólogo, 2011.

ROIZ, Diogo da Silva. A história das relações de gênero, histórias em construção. **Estudos Feministas**, v. 19, n. 3, p. 1012-1014, 2011.

SANDBERG, S. **Lean In: Women, Work, and the Will to Lead**. Nova York: Alfred A. Knopf, 2013.

SANTOS, A. F. M. dos. **Uma história econômica da evolução do mercado de trabalho feminino**. Trabalho de Conclusão de Curso (Administração) – Instituto Municipal de Ensino Superior de Assis (IMESA) e a Fundação Educacional do Município de Assis (FEMA): Assis, 2013. Disponível em: <https://cepein.femanet.com.br/BDigital/arqTccs/1011261136.pdf>. Acesso em: 23 fev. 2025.

SILVA, J. M. C.; MACEDO, R. M. de; OLIVEIRA, M. R. de. Conflitos na relação de trabalho-família enfrentados pelas mulheres de Brasília de Minas, MG – Brasil. **Revivale**, v. 2, n. 2, p. 1-19, 2022.

STAM, Robert. **Teoria e prática do cinema**. 2. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.

STEIL, Andrea Valéria. Organizações, gênero e posição hierárquica - compreendendo o fenômeno do teto de vidro. **Revista de Administração**, v. 32, n. 3, p. 62-69, 1997. Disponível em: <http://rausp.usp.br/wp-content/uploads/files/3203062.pdf>. Acesso em: 06 mar. 2025.

UMA RUA Chamada Pecado. Direção: Elia Kazan. Estados Unidos: Metro-Goldwyn-Mayer, 1951. Online. Disponível em: https://www.primevideo.com/dp/amzn1.dv.gti.73fb0223-756a-4036-8a4a-b3c635384073?autoplay=0&ref_=atv_cf_strg_wb. Acesso em: 20 jan. 2025.

VICENTE, T. A.. **As mulheres e seus tempos: Dupla jornada de trabalho, cuidado de si e lazer na promoção da saúde**. Tese de Doutorado (Doutorado em Ciências) - Faculdade de Medicina, Universidade Federal de São Paulo: São Paulo, 2018. Disponível em: <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/5/5137/tde-02082018103012/publico/TeresaAracenaVicente.pdf>. Acesso em 27 abr. 2025.

WORLD BANK. Novos dados revelam uma disparidade global de gênero enorme e acima do previsto, 2024. Disponível em: <https://www.worldbank.org/pt/news/press-release/2024/03/04/new-data-show-massive-wider-than-expected-global-gender-gap>. Acesso em: 05 mar. 2025.